

BULLYING: EXPRESSÃO DE RACISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Autora: Renata Dantas do Nascimento; Orientadora: Dra. Tereza Luiza de França

Universidade Federal de Pernambuco- renatadantas17@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por base princípios de um estudo etnometodológico em Educação Física que tem como objeto o *bullying* racial entre escolares na percepção docente. A pesquisa se argumenta através de estudos de, Bracht (2003) dentre outros autores. Para tal estudo qualitativo utilizou-se a entrevista narrativa e a análise de conteúdo com sete discentes do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR, concluintes da Licenciatura em Educação Física da UFPE, 4ª Turma. Nesse sentido, os resultados da entrevista narrativa apontaram que 99% dos entrevistados afirmaram saber o que é o *bullying* e já presenciaram possíveis situações de racismo em suas aulas ou na escola em que atuam. No que concerne ao entendimento sobre o papel social da Educação Física, todos os atores da pesquisa, garantem que fatalmente a mesma favorece, em suas aulas, a propagação do *bullying*, pois se preconiza o corpo perfeito, a cultura do belo e a segregação dos menos habilidosos, sendo necessário evidenciar a função pedagógica da disciplina para obter êxitos em suas intervenções.

Palavras-chave: *Bullying*, Educação Física, Racismo.

Introdução

O trabalho que se encaminha tem a finalidade social para além dos muros da escola. Trata-se de um tema interdisciplinar com grande conotação nos dias atuais: *bullying* como expressão do racismo nas escolas. Esse estudo aborda a compreensão que os discentes de segunda licenciatura em Educação Física e que atuam como docentes em vários municípios do estado de Pernambuco entendem a respeito da temática.

O mundo tem vivido uma propagação de intolerância e a escola tem presenciado atitudes violentas que se espalham entre os alunos. Esta violência sistemática na escola é chamada de *Bullying*.

Botelho (2007, p.58) ressalva que “este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas”. Por se manifestar sutilmente, muitas vezes, os educadores não percebem a dimensão da violência em suas aulas.

O estudo aborda o *bullying* racial que pode ser entendido pela violência praticada pelos agressores as suas vítimas em decorrência de sua cor de pele, ou por pertencerem a grupos étnicos ou por suas práticas religiosas ou culturais.

A escola tem sido um ambiente de propagação de muitos estereótipos e suas vítimas tem sofrido as piores discriminações, sejam elas pela sua cor de pele, tipo de cabelo, crença, limitação física ou sensorial, forma corpórea, características étnicas, culturais e até regionais.

“Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro” (MUNANGA 2005, p. 25).

Partindo da problemática sobre o *bullying* racial explicitada, obteve-se como **objeto de pesquisa**: Compreender, a partir da análise de conteúdo dos discentes do PARFOR de Educação Física da UFPE a percepção dos mesmos sobre o *bullying* racial nas aulas de Educação Física.

A partir desse contexto o problema de pesquisa consistiu em saber: Na percepção dos alunos de Licenciatura em Educação Física do PARFOR da UFPE a respeito da prática do *bullying* racial entre escolares, qual a compreensão sobre o tema *bullying racial*?

A Educação Física Escolar atual tem trazido à tona, discussões amplamente debatidas sobre várias perspectivas e mesmo com tantas divergências, busca o desenvolvimento integral do ser humano, sob dimensões pedagógicas, sociológicas e filosóficas.

Metodologia

A etnometodologia advém da sociologia e surgiu com Harold Garfinkel na década de 1950 nos Estados Unidos. A palavra significa o estudo dos etnométodos, que são aqueles que todo o indivíduo se utiliza para descrever, interpretar e construir sua vida social.

Essa abordagem metodológica tem sido muito difundida na prática educacional, pois no cotidiano escolar na sala de aula e na aula propriamente dita, existem vários elementos que se constituem em conflitos entre pessoas que constituem o grupo de professores e alunos.

Nos estudos de Coulon (1995), a partir dos pressupostos de Garfinkel em 1950, objetiva tais estudos a partir de uma teoria investigativa tendo por objetivo e ponto de partida analisar os métodos nas mais diferentes circunstâncias da vida cotidiana.

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas, considerando que a própria sociologia deve ser considerada como uma atividade prática (COULON 1995, p.30)

Assim Riveira (2010, p.4) reitera dizendo que:

Etnometodologia é uma expressão utilizada, não apenas para definir procedimentos adotados pelo pesquisador, mas sim definir o campo de investigação e os processos desenvolvidos pelos atores que serão estudados em seu dia-a-dia.

Nesse sentido, os etnométodos na vida cotidiana escolar não trata apenas das experiências empíricas dos atores envolvidos neste ambiente, mais é uma tentativa de compreender cientificamente a escola, não confundindo o conhecimento pratico com o conhecimento científico nesse processo.

Na etnometodologia para entender esse contexto é preciso que o pesquisador seja testemunha daquilo que pretende investigar. No caso desse estudo é o *bullying* racial nas aulas de Educação Física. Por isso é importante para o conhecimento de culturas diferentes e serve de ancora para o trabalho de cultura corporal entre alunos nas aulas da disciplina especificada acima.

Nesse estudo foi utilizado os conceitos de: prática, indicialidade e reflexibilidade. Esses conceitos-chave são de suma relevância para entender contextos, membros, realidades micro e macro sociais. A partir do entendimento etnometodológico, compreende-se as práticas, os saberes e a intenção de cada pessoa entrevistada.

Para fins metodológicos, o universo desta pesquisa é composto por professores da rede municipal e estadual da região metropolitana e agreste de Pernambuco cujos atores da entrevista narrativa foram sete alunos do PARFOR 4 em Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco.

A escolha se deu pela riqueza de discussões que cada um trás pela função docente que exercem nas escolas pernambucanas e pela singularidade do curso de Licenciatura em Educação Física que é ofertado através do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica induzir e fomentar a qualificação gratuita e especifica dos profissionais da educação.

Resultados

Partindo dos princípios metodológicos já citados anteriormente a pesquisa foi realizada com o intuito de verificar quais discussões foram construídas que viessem a contemplar o objeto de estudo: *bullying* racial.

Quando foi escolhido os atores/sujeitos da pesquisa, buscou-se mesclar com seus respectivos municípios de atuação e tempo de docência. Para garantir o anonimato dos envolvidos, foram utilizadas apenas as iniciais de seus nomes, a saber: AMH, CGN, CSS, JJS, JPR, JPV e SHS.

Feitas as entrevistas narrativas as quais foram subsidiadas por um texto norteador¹, o material foi recolhido e transcrito. Partiu-se então para análise do conteúdo que aos poucos foi revelando o objeto desta pesquisa e apontando alguns vazios que precisam de mais aprofundamento.

Anteriormente, houve um seminário sobre o *bullying* nas aulas de Educação Física, foi realizado, no qual foram explicitados os tipos mais comuns de bullying no ambiente escolar. Esse seminário foi realizado na disciplina de Psicologia dos Esportes, ministrada pelo professor Vinícius Damasceno da UFPE.

Traçando um perfil para os entrevistados para melhor entendê-los e conhecê-los enquanto atores nesse discurso.

Entrevistado	Tempo de docência	Sexo	Idade	Município de atuação	Já lecionou a disciplina de Educação Física ?
AMH	16 ANOS	Fem	42	Abreu e Lima	Não
CGN	5 ANOS	Masc	32	Cabo Stº Agostinho	Não
CSS	10 ANOS	Fem	-	Palmares	Sim
JPR	24 ANOS	Fem	49	Palmares	Sim
JPV	9 ANOS	Fem	39	Olinda	Não
JJS	12 ANOS	Masc	37	Abreu e Lima	Não
SHL	6 ANOS	Masc	41	Igarassu	Não

Elaboração própria da autora - 2018

O quadro acima mostra que a maioria dos entrevistados são do sexo feminino; a grande parte (5 pessoas) nunca lecionaram a disciplina de Educação Física. Três deles (as) tem entre 5 a 9 anos de docência, outros três de 10 a 20 anos e uma tem mais de 20 anos na educação básica.

Aos entrevistados, foram feitas três questões individualmente:

1. Você sabe o que é o *bullying*?
2. Já presenciou alguma cena entre escolares que caracterizasse o *bullying* racial?
3. Na sua concepção docente, as aulas de educação física podem favorecer o *bullying* ?

¹ Texto norteador – produção criada e construída pela professora Dra. Tereza Luíza de França no momento de seu doutorado. UFRN-2003.

Os resultados da entrevista narrativa apontaram que 99% dos entrevistados afirmaram que sabem o que é o *bullying* e já presenciaram possíveis situações de racismo em suas aulas ou na escola em que atuam.

No que concerne ao entendimento sobre o papel social da Educação Física, 100% garantem que fatalmente a mesma pode favorecer em suas aulas a propagação do *bullying*, pois se preconiza o corpo perfeito, a cultura do belo e a segregação dos menos habilidosos.

Discursão

A Educação Física no Brasil passou por vários momentos, mais num plano educacional, esta teve seu sentido mais amplo a partir do final do século XIX e início do século XX.

No passado, era sob a perspectiva higienista que a área da educação física pautava as suas intervenções. Normalmente, ligada à classe médica e instituições militares, visando à melhoria da qualidade de vida e modificação de hábitos de saúde assim como favorecendo a educação do corpo físico saudável, resistente a doenças (BRASIL, 2001).

Desta forma, o pensamento político e intelectual da época visava um possível melhoramento genético da espécie humana com o intuito de manter a “soberania racial branca” e que ainda se perpetua nos dias atuais.

Partindo para uma visão patriótica, foi revelada a importância em formar indivíduos fortes e saudáveis para defender a pátria. Então em 1851, com a Reforma de Couto Ferraz a Educação Física tornou-se obrigatória nas escolas do município da Corte. Houve descontentamento por parte dos pais, pois recusaram a aceitar atividades que não fossem intelectuais aos rapazes. Nesse contexto as meninas eram proibidas de participar (BRASIL, 2001)

Em 1882 segundo a mesma fonte, Rui Barbosa expediu seu parecer, defendendo a inclusão da ginástica nas escolas, destacando a importância de um corpo saudável para o desenvolvimento intelectual. Sendo assim, aos moldes europeus dos fascismo e nazismo, o discurso eugênico substituiu o higiênico, pois a eugeniização das raças ganhou forças e o exército ficou a frente da Educação Física nas escolas, defendendo o adestramento físico como práticas patrióticas.

No ano de 1961 com a promulgação da lei de diretrizes e bases a disciplina de educação física tornou-se obrigatória da educação primária ao ensino médio e o esporte passou a ocupar mais as aulas. Na década de 70, a Educação Física em função de diretrizes

pautadas no nacionalismo, na integração social e na segurança nacional, visavam um exército forte saudável e a desmobilização das forças políticas opositoras, na visão governamental.

Na década de 80 a partir de discussões acerca do esporte, houve mudanças na política educacional, tirando da escola a função de promover os esportes de alto rendimento. (BRASIL 2001). Sobre isto, Bracht (1999) revela o quanto as ciências sociais e humanas na educação física foram importantes nesta fase, pois fez surgir um novo paradigma da aptidão física a partir de uma análise crítica.

O eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da educação, e da Educação Física em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe. (p. 78)

Bracht (1999) argumenta de forma interessante como a Educação Física por si só não tem força de se manter na escola e diz que

Os argumentos que legitimam a Educação Física na escola sobre o prisma conservador (aptidão física e esportiva) não se sustentam numa perspectiva progressista de educação e Educação Física, mas, ao que tudo indica, hoje também não na perspectiva conservadora. (p. 82)

BRACHT (2010, p.93) aponta que a Educação Física que a população almejava nem sempre foi seguido à risca nas escolas e a sua prática e princípios foi resumida aos esportes.

O esporte colocou-se no início do século XX no Brasil como um indicador de modernização das cidades (e das nações) e seu crescimento, como prática cultural, e sua presença marcante na vida nacional foram elementos que fizeram com que crescesse sua presença na Educação Física e, portanto, na escola. Como ele foi recebido na Educação Física com ressalvas e receios pedagógicos, o esporte que é absorvido pela Educação Física é o “esporte virtuoso”, na feliz expressão de Lipovetsky (1994). Portanto, um esporte pensado como uma pedagogia. Se ele deve ser praticado, é porque promove uma série de valores, aqueles já identificados como promovidos e promotores da “modernidade sólida”.

Com isso BRACHT (2010, p.94) ressalva que “A cultura da Educação Física vai ser a cultura esportiva (esportivização da Educação física), o cultivo do esporte (nem sempre) virtuoso”.

Esse cultivo do esporte nem sempre virtuoso citado pelo autor pode remeter a uma prática de exclusão nas escolas se não houver um norteamento pedagógico. A esportivização tende a separar os habilidosos dos considerados sem habilidades.

Com relação ao eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva da análise da função social da educação, Bracht (1999, p.78) revela que: “... da

Educação Física em particular como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe.”

Porém o mesmo autor acrescenta: “Embora a prática pedagógica ainda resista a mudanças, ou seja [...], várias propostas pedagógicas foram gestadas nas últimas duas décadas e se colocam hoje como alternativas”. BRACHT (1999, p.78)

Algumas propostas pedagógicas na Educação Física foram:

- Desenvolvimentista: baseia-se na ideia de oferecer ao infante, oportunidades de vivenciar experiências de movimento de modo a garantir seu desenvolvimento. A sua base teórica é a psicologia do desenvolvimento e aprendizagem, onde se destaca o professor Go Tani da USP;
- Psicomotricidade: proposta do professor Joao Batista Freire (UNICAMP), exerceu grande influência nos anos 70 e 80 e preocupa-se com a cultura infantil, traz o movimento como aliado na compreensão de outras disciplinas. Nessa perspectiva ela vem sendo criticada, pois não é papel da Educação Física.
- Crítico-superadora: desenvolvida por Demerval Saviani e colaboradores num coletivo de autores publicado em 1992 no livro *Metodologia do ensino da educação física*. O coletivo aponta para uma reflexão que busca uma postura investigativa e produtora de cultura, no qual se pretende deixar retrógrado um dos objetivos mais difundidos pelas classes dominantes em busca de seus interesses, que é o desenvolvimento das aptidões físicas do homem atendo-se as questões do desenvolvimento integral do ser humano, passando a ter um aspecto lúdico onde se adota uma postura criativa e produtora de cultura.(1992, p.36).
- Crítico-emancipatória: formulada pelo professor Eleonor Kunz da UFSC e teve influência direta da pedagogia de Paulo Freire, onde o mesmo coloca o movimento como uma forma de comunicação com o mundo de maneira a desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e agir criticamente.

Daolio (2004, p.2) explicita que “cultura é o principal conceito da Educação Física”, pois se constitui uma área do conhecimento que atua e estuda práticas ligadas ao corpo e ao movimento ao longo da história da humanidade, como por exemplo, os jogos, as lutas, as danças, as ginásticas e os esportes.

Medina (1948) menciona: o homem só pode evoluir, cada vez mais, através da percepção gradual que se dá em relação a si mesmo, em relação aos outros, em relação ao mundo.

No artigo de Betti e Zulliane (2002) a Educação Física assume novas diretrizes na prática pedagógica.

A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento... A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir então outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la (BETTI e ZULLIANE 2002, p.75)

Diante do contexto, observa-se que o autor destaca a importância de uma pedagogia do esporte na qual a Educação Física não finalize em si mesma e que não ignore nem se submeta aos interesses da mídia, e assim ela poderá atualizar sua função educativa.

Observando tais perspectivas acerca das concepções trazidas pelo autor citado, observando as relações no cotidiano escolar entre alunos e a formação docente, Rocha (2006) afirma que:

Na sociedade contemporânea, e mais precisamente nas nossas escolas, confrontamo-nos com a diversidade étnica, linguística e social dos alunos pelo que urge fomentar práticas de ensino vocacionadas para o desenvolvimento de valores de solidariedade e promover a tolerância e, dessa forma, procurar combater o racismo, xenofobia, intolerância e exclusão social. (ROCHA 2006,p.43)

O mesmo autor citado acima destaca a importância de a educação oferecer experiências interculturais como forma de promoção a aceitação e valorização das diferenças, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária

Conclusões

Ao longo desta análise percebe-se a dimensão de um estudo com princípios etnometodológicos acerca da Educação Física e sua função social na escola. A princípio pode ser compreendido através dos resultados, que o bullying é evidenciado pelos entrevistados em seu cotidiano escolar e que em algum momento no contexto de cada um foi vivenciado alguma cena de racismo.

Nesse sentido, este estudo visou compreender a percepção dos discentes do PARFOR 4 que estão em regência em seus municípios, a respeito do Bullying racial. Ao ler vários periódicos e livros foi percebido que o tema está intrinsecamente ligado à escola e ao sistema educacional.

Alguns estudos, apontam a escola como o primeiro local social onde se perpetua essa violência sistemática. Normalmente o senso comum aponta o preconceito na escola como

sendo constituído por brincadeiras normais e que ocorrem em consequência da imaturidade, intelectual, cultural e educacional dos alunos.

Sendo assim, este trabalho traz à tona que essas brincadeiras muitas vezes consideradas normais, são na verdade um tipo de violência e trazem consigo muitas vezes a evasão, o desinteresse pelos estudos e pela vida de nossos alunos. Esse argumento evidencia-se pelo fato de 99% dos discentes entrevistados do PARFOR 4 já terem presenciado o bullying racial nas escolas em que atuam. A partir dos resultados com princípios etnometodológicos, é possível observar que o bullying racial se reproduz de forma perversa nas escolas e que fatidicamente nas aulas de Educação Física, ainda é reproduzida a estigmatização dos corpos perfeitos e do belo aos olhos da sociedade, o que pode ser facilmente percebido para além da escola em competições esportivas, onde por diversas vezes um atleta negro é agredido verbalmente pela sua cor, fato relatado pelos meios de comunicação de massa.

Este trabalho apontou que o racismo ainda se manifesta em nossa sociedade algumas vezes de maneira sutil. Nas aulas de Educação Física ainda presenciamos o eugenismo seja ele no esporte ou na sala de aula, quando uma pessoa é segregada, insultada, considerada menos inteligente e incapaz em decorrência de sua cor de pele.

Mesmo diante dos relatos narrados pelos autores da entrevista que em muito contribuíram com sua experiência na regência, percebemos que existem formas de intervir para questões de dimensões sociais mais amplas.

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, artístico, o estético ou outros, que serão representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social consideradas “significações objetivas” (COLETIVOS DE AUTORES 1992, p. 62)

Ainda nesta reflexão podemos destacar que o objeto da Educação Física “[...] está relacionado com a função ou com o papel social a ela atribuído e que define, em largos traços, o tipo de conhecimento buscado para sua fundamentação” (BRACHT 2003, p. 43)

Tomando por base as questões pedagógicas que norteiam a Educação Física e sua função social, findo esta etapa da pesquisa deixando algumas inquietações para a seguinte reflexão: se nós professores, e futuros licenciados em Educação Física, enxergamos a perpetuação do bullying nas nossas aulas por vezes chegando ao ponto de até executá-lo em meio acadêmico, como teremos argumentos para combatê-lo? Como combater algo que não é encarado como violência? Como contribuir para uma formação cidadã se por vezes durante a graduação disseminam-se algumas segregações?

Referências

BETTI, M; ZULIANI, L. R. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. V.I, n.1, p. 73-81, 2002.

BOTELHO, Rafael Guimaraes e SOUZA, Jose Maurício Capinussú. **Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção**. Revista de Educação Física 2007;139:58-70. disponível em:
<http://cev.org.br/biblioteca/bullying-educacao-fisica-escola-caracteristicas-casos-consequencias-estrategias-intervencao>

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. - 3. ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1948.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

ROCHA, Catarina E.F. **A escola e a diversidade étnica e cultural** .Dissertação de mestrado. 2006

RIVERO, C. M. da L. **A etnometodologia na pesquisa qualitativa em educação: caminhos para uma síntese**. Anais do Encontro Nacional de Pesquisa Qualitativa em Educação, jul., 2010. Disponível em: http://www.sepq.org.br/IIISPEQ/anais/pdf/mr2/mr2_5.pdf. Acesso em: 09 abril 2018